

# A POLIDEZ DO “HÓSPEDE” COMO *ETHOS* DO INFLUENCIADOR MIGRANTE

[ ARTIGO ]

**Otávio Cezarini Ávila**

*Universidade Federal do Rio de Janeiro*

**[ RESUMO ABSTRACT RESUMEN ]**

A premissa de que todo migrante transnacional é um indivíduo colocado em estado de provisoriedade se aproxima das discussões sobre a hospitalidade mediadas por um comportamento disciplinado que associa esses indivíduos a uma polidez típica dos visitantes. Esse hífen teórico que aproxima migração e hospitalidade avança para o ambiente online e as manifestações individuais (*self* migrante) as quais buscam visibilidade nesse regime de transparência, autenticidade e produtividade típico das plataformas digitais. O objetivo deste artigo é trazer, por meio de uma pesquisa aprofundada sobre uma influenciadora diaspórica em especial (sem reduzir-se a ela), como é construído o *ethos* da polidez do “hóspede” nessa ambiência e, além disso, observar como esse comportamento por vezes é subvertido pela atuação política frente à condição estrangeira.

**Palavras-chave:** Migrações transnacionais. *Ethos*. Influenciadores digitais.

The premise that every transnational migrant is an individual placed in a state of provisionality is similar to discussions about hospitality mediated by a disciplined behavior that associates these individuals with a politeness typical of visitors. This theoretical hyphen that brings migration and hospitality together advances to the online environment and individual manifestations (migrant *self*) that seek visibility in this regime of transparency, authenticity, and productivity typical of media platforms. The objective of the article is to bring, with in-depth research on a diasporic influencer in particular (without being reduced to her), how the *ethos* of “guest” politeness is built in this environment and, in addition, observe how this behavior is sometimes subverted by political action in the face of the foreign condition.

**Keywords:** Transnational migrations. *Ethos*. Digital influencers.

La premisa de que todo migrante transnacional es un individuo en un estado de provisionalidad es similar a las discusiones sobre la hospitalidad mediadas por un comportamiento disciplinado que asocia a estos individuos con una cortesía propia de los visitantes. Este guion teórico que une migración y hospitalidad avanza hacia el entorno en línea y las manifestaciones individuales (*self* migrante) que buscan visibilidad en este régimen de transparencia, autenticidad y productividad propio de las redes digitales. El objetivo de este artículo es conocer, desde una investigación en profundidad sobre una influencer diaspórica (sin reducirse a ella), cómo se construye en este entorno el *ethos* de cortesía del “huésped”, además de observar cómo este comportamiento es subvertido por la acción política frente a la condición exterior.

**Palabras clave:** Migraciones transnacionales. *Ethos*. Influenciadores digitales.

## Introdução

---

Quando as pesquisas na internet passaram a se debruçar pelas formas de autoapresentação de grupos minoritários, o universo dos estudos migratórios se inseriram nessa premissa a partir de variadas denominações, em especial ao aqui subscrito conceito da webdiáspora, compreendido por ElHajji e Escudero (2016, p. 334) como um “a-espço” de reordenamento das experiências subjetivas de imigrantes e refugiados que contribui na produção de marcas e rastros existenciais na coletividade em um plano subjetivo e simbólico.

De uma condição fundamentalmente comunitária, a participação de migrantes transnacionais<sup>1</sup> em plataformas, que formam diferentes ecossistemas midiáticos digitais, foi incorporando um tipo de visibilidade mais individualizada voltada ao *self* migrante, pois, ao mesmo tempo em que se amplificavam vozes de determinadas comunidades nacionais, amplificam-se também o alcance que esses indivíduos alimentam em torno de suas personas.

O *self* é condicionado a um outro referente à alteridade que explica o processo interacional e transformativo que referenda o comunicacional (SODRÉ, 2014). Esse olhar comunicativo para a relacionalidade do *self* carrega a mesma premissa encontrada na fenomenologia de Alfred Schütz, na qual se compreende a asserção do indivíduo no

social pela ordem da intersubjetividade, como parte constitutiva e constituinte. Em um olhar sociológico, Giddens (2002) observa igualmente que a presença do *self* não define uma perspectiva internamente determinada, porque parte das interconexões que a modernidade oferece entre essas disposições pessoais e as influências dinâmicas e globalizantes, aqui minuciadas pela midiaticização e pela migração como fenômenos sociais.

A transformação da esfera pública webdiáspórica traz consigo elementos que avançam ao campo privado ou comunitário para a vida em público (SENNETT, 1999, SODRÉ, 2014), articulados por uma racionalidade neoliberal individualizante que “estende a lógica do mercado muito além das fronteiras estritas do mercado, em especial produzindo uma subjetividade ‘contábil’ pela criação de concorrência sistemática entre os indivíduos” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 30).

A crítica e o contexto sociopolítico daqui decorrentes são utilizados como breve apresentação, cujo aprofundamento é realizado em tese de doutorado ao enfatizar a capitalização das trocas intersubjetivas que “passam a alimentar uma economia que se nutre da necessidade existencial de atenção” (CALIMAN, 2012, p. 4). Caliman ainda argumenta sobre as variadas facetas definidoras de uma economia da atenção (DAVENPORT; BECK, 2001; GOLDHABER, 1997) aprofundadas na relação entre atenção e produtividade baseadas pela mentalidade competitiva que transformam, por exemplo, influenciadores digitais em trabalhadores de plataformas (GROHMANN, 2020; SICILIANO, 2021) como a mais nova mutação do mundo do trabalho.

---

<sup>1</sup> Toda referência a migrantes se refere a este aspecto (emigração-imigração), ou seja, não estão contempladas nesta reflexão a migração interna equivalente à mudança de estado ou cidade dentro de um mesmo país.

Neste artigo, parto do princípio de como essa vida em público, performada (SIBILIA, 2015) e testemunhal (FASSIN; RECHTMAN, 2009) é moldada por processos de negociação das diferenças interculturais que culminam em um *ethos* migrante baseado na polidez do hóspede. O objetivo do texto, entretanto, é costurar teoricamente como essa conduta se articula, ao menos nos primeiros anos em visibilidade, nas práticas de uma venezuelana migrante que atua como influenciadora dessa recente diáspora.

O campo de análise e que justifica a aproximação entre o campo das migrações transnacionais e a midiatização social (COULDRY; HEPP, 2017), já evidenciado pelo contexto webdiaspórico, são os canais no Youtube produzidos por migrantes, especialmente de características *vlogs*. Entre eles, destaque aos produzidos por venezuelanos como a mais recente e volumosa migração para o Brasil desde 2017 e, mais especificamente neste artigo, aprofundo sobre o perfil de Victória Márquez (ou *Vicky en brasil*, a depender da plataforma).

Vicky, como é mais conhecida, cruzou a fronteira norte do Brasil em 2016 com visto de turista e sem a intenção de permanecer. Só um ano depois a migrante conseguiu o status de refúgio. Trazendo seu filho, à época ainda criança, a junção desses fatores amplifica seus substantivos: mulher, venezuelana, mãe, trabalhadora, agora migrante e também influenciadora. Desde que migrou, Vicky tem produzido um ecossistema midiático atuante em diversas plataformas com alta popularidade. Até o julho de 2022 eram 63 mil seguidores no Facebook (somando página e grupo), 10 mil no Instagram, 41 mil no Tik Tok, e 16 mil no Youtube, totalizando 130 mil seguidores.

O primeiro vídeo publicado no canal – que leva seu nome (acompanhado do “*en brasil*”) – tem 1 minuto e trata de demonstrar sua gambiarra para encaixar o carregador do celular no modelo de tomada brasileira. O vídeo é significativo porque demonstra a preocupação com a sobrevivência digital de todos que saem de seus lares, mas sobretudo a ela, que começaria a trajetória migrante narrando, transmitindo e compartilhando um cotidiano intenso de descobertas. De modo categórico e com base nesse arcabouço construído pelos *digital migration studies*, não existe hoje migração fora da midiatização, desde a decisão de migrar, passando pelo trajeto, até chegar ao destino e a estabilização dos indivíduos, o uso de tecnologias de informação e comunicação é indispensável e até constitutivo da mobilidade humana contemporaneamente.

Cabe ressaltar que a percepção da polidez do “hóspede” como recorte de análise dessa presença digital, especialmente no que diz respeito sobre a política nacional, não pertence apenas aos venezuelanos, mas emergiu na pesquisa por diferentes nacionalidades entrevistadas pelo site/blog O Estrangeiro<sup>2</sup> com migrantes influenciadores da Angola, do Peru e pela própria venezuelana em destaque. Contudo, com o aprofundamento desse último perfil e seu ecossistema midiático pode-se perceber e analisar mais detalhadamente a atuação desse *ethos* em flagrante relação com a hegemonia brasileira na

---

<sup>2</sup> O projeto de comunicação faz parte das atividades do grupo de pesquisa relacionado a esta pesquisa e tais entrevistas trouxeram as primeiras impressões sobre as considerações que emergiram nas observações desses ecossistemas midiáticos de migrantes.

região (REZENDE, 2005; SCHENONI, 2018), que acaba colocando o venezuelano em um degrau inferior ao de outros migrantes que se apresentam publicamente em busca de visibilidade. Com a profunda crise no país vizinho, por vezes a comparação é transformada em inferiorização pela via do xenorracismo (SIVANANDAN, 2008) e, no caso de Vicky, até mesmo de componentes misóginos.

### Um espaço para se adaptar ao *ethos*

Um ponto significativo do vídeo de inauguração de Vicky e das demais produções do seu canal é o caráter informativo da sua experiência, fator que poderia incorrer na dúvida da característica *vlogger* da experiência analisada. O *vlog* é um tipo de vídeo que transmite o cotidiano ordinário baseado na individualidade de quem comunica e essas características se apresentam na rotina produtiva de Vicky, mesmo quando seu objetivo é fazer do seu ecossistema midiático um meio de informação e serviço de utilidade pública aos venezuelanos que migrarão ou que já residem no Brasil. O fator que hibridiza serviço e individualidade está amparado no testemunho e na demonstração prática de experiências. Por exemplo, sua ida ao comércio local em busca de emprego se transforma em conteúdo sobre empregabilidade; as idas ao mercado se transformam em conteúdos a respeito do custo de vida no Brasil; a renovação de seus documentos é publicada e comentada por ela ao mostrar os lugares, os diálogos e os processos a serem seguidos; a mudança de cidade, o traslado aéreo e as

emoções da mudança; a pesquisa por preços de veículos de transporte; a matrícula do seu filho na escola e as inerentes dificuldades; o tratamento médico pelo Sistema Único de Saúde (SUS), etc. Ou seja, todo esse universo de experiências se transforma em informação e, simultaneamente, em fragmentos espetaculares (DEBORD, 1997) do cotidiano.

Strangelove (2010) compara o gênero *vlog* a “espaços de confissão online”. Chamando-os também de *videos diaries*, são produções que fornecem informações detalhadas de pessoas em cotidianos ordinários, embora o dito frente às câmeras passe por filtragens e edições. Ainda segundo o autor, esses vídeos, também autobiográficos, são uma forma de autoapresentação moldada pela vigilância voluntária exercida sobre o indivíduo ao mesmo tempo em que é expressão de uma cultura caracterizada pela confessionalidade.

Mas a premissa discursiva confessional na exposição da intimidade pelo testemunho de sofrimento e da vitimização, como buscam as análises de Fassin e Rechtman (2009) a partir do status de refúgio emergido pelas tragédias do século passado, é transposta para o lugar do trabalho e da oportunidade pela nova vida, que condiz à concepção de um *ethos* baseado na polidez, na distinção e na constante provisoriedade determinada ao estrangeiro. De modo geral, o conceito de *ethos* deriva da concepção bourdieusiana de *habitus* e que:

Implica, com efeito, uma disciplina do corpo, apreendido por intermédio de um comportamento global. O caráter e a corporalidade do fiador provêm de um conjunto difuso de representações

sociais valorizadas ou desvalorizadas, sobre as quais se apoia a enunciação e que, por sua vez, pode confirmá-las ou modificá-las. (PALÁCIOS, 2004, p. 164).

Trata-se dessa disciplina do corpo que transforma, no caso da migração, o homem em visitante na terra estrangeira e, por vezes, elimina o caráter de vítima em detrimento do disciplinamento do trabalhador e da mão de obra qualificada, como atesta Nikunen (2018). Esse corpo, no país de destino, por ele se extrai gratidão, obediência ou dever, independente da forma como sua integração é realizada (ALENCAR, 2018; 2019). Para Carrera (2012, p. 151), o *ethos* é um disciplinamento construído a partir de um *habitus* de classe e que “serve ao indivíduo como matéria-prima para a construção da sua subjetividade no ciberespaço, corroborando sua identificação a gostos que atestam a suposta veracidade do *ethos* que deseja representar”.

A colocação da subjetividade no ciberespaço realizada por Carrera tem ressonância na atuação de migrantes na construção desse *ethos* presumido no regime neoliberal. Visando o possível efeito contrário à compaixão, Nikunen (2018) analisa a ação de uma campanha virtual realizada por refugiados estabelecidos na Finlândia que, por meio de um ativismo individual (*self activism*), buscava expandir espaços de visibilidade ao introduzir novas vozes anônimas no debate público. Para além do que parece óbvio referente ao uso da internet na difusão de redes de solidariedade e potencialização das visibilidades minoritárias por testemunhos, o estudo baseado na campanha “Uma vez fui refugiado” (“*Once I was a refugee*”; em finlandês pela hashtag #ennolinpakolainen no Facebook e no Twitter)

explica como a racionalidade meritocrática do neoliberalismo arrasta para si os discursos que viabilizam a aceitação desses “ex-refugiados” na sociedade receptora. Aqui, a origem vulnerável é apenas um degrau para a nova realidade e seus desafios decorrentes. Isso é perceptível também na própria definição de um ativismo individual ou o que novamente Chouliaraki (2017), mencionada por Nikunen, chama de *refugee-related selfies*. Em outro texto ela comenta:

Como essas temporalidades agora mudaram para a pós-“crise” [...], eles têm que aderir às subjetividades performativas do “empreendedor resiliente”, projetando rápida adaptabilidade às regras do mercado neoliberal para ter acesso a uma gama de direitos: da voz e da educação à moradia e ao emprego. (CHOULIARAKI; GEORGIU, 2019, p. 601, tradução minha).

Além da figura do trabalhador resiliente que abdica da sua condição de vítima, a pesquisa empreendida nos últimos anos identificou outro tipo de *ethos* vinculado a este pela adequação, disciplinamento (PALACIOS, 2004) ou obediência dos corpos migrantes (CHOULIARAKI; GEORGIU, 2019). O desdobramento desse *ethos* está relacionado a uma discríção ligada à política brasileira, mesmo quando tais perfis são elevados a seu objetivo público de ocuparem posições de influenciadores migrantes, cujo diálogo e reconhecimento atuam como catalisadores de informações e interações junto à sociedade de origem (como emigrante) e de recepção (como imigrante). Não diz respeito, todavia, à obstrução de toda opinião e debate a respeito da política, mas apenas daquela alocada no país de destino, como se coubesse ao migrante o



respeito silencioso ou um distanciamento (SIMMEL, 1979) mesmo estando ele próximo – ou mais do que isso, participante e inteiramente envolvido com as consequências do tema em sua vida.

### **Limites da transparência (como engajamento): o lugar do estrangeiro**

A qual estrangeiro estamos nos referindo? A contemporaneidade do fenômeno molda a reflexão sobre o migrante como minoria transnacional (ELHAJJI, 2017) majoritariamente originário das periferias globais. Segundo ElHajji, essas minorias carregam consigo “formas contemporâneas de negatificação simbólica dos grupos indesejados da sociedade, no afã de positivar a totalidade da comunidade – a partir de seus segmentos hegemônicos, eleitos como norma e medida” (ELHAJJI, 2017, p. 206).

Indo nessa mesma linha, Di Cesare (2020) compara as cores dos passaportes com tickets de entrada para o espetáculo da nacionalidade, os quais podem dar acesso ao camarote ou à proibição de entrada. Pela avaliação presentista do “tempo passando” (BARBOSA, 2017), observamos como exemplo de assimetria a abertura da União Europeia aos refugiados ucranianos após a invasão russa, enquanto outros refugiados, cuja situação de guerra e destruição dos espaços sociais se assemelham, não recebem de seus vizinhos e da própria Europa a mesma solidarização. Além da questão do controle da fronteira das políticas de acolhimento de cada Estado, soma-se a conotação simbólica, sugerida por

ElHajji, que tem na cobertura da imprensa e na formação da opinião pública suas aliadas na construção do refugiado a ser recebido ou ignorado.

Essas assimetrias e diferenciações sobre a migração e seus atores oferecem abertura para o conceito de civilização, entendido por Elias (1994) como um amparo ao colonialismo ocidental:

*Mas se examinamos a que realmente constitui a função geral do conceito de civilização, e que qualidade comum leva todas essas várias atitudes e atividades humanas a serem descritas como civilizadas, partimos de uma descoberta muito simples: este conceito expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo. Poderíamos até dizer: a consciência nacional. Ele resume tudo em que a sociedade ocidental dos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas “mais primitivas”. (ELIAS, 1994, p. 23).*

Mas toda a conceituação das relações culturais baseada no distanciamento entre “civilizados” e “exóticos” encontra contradições porque, ao mesmo tempo em que as mensagens de brasileiros remetem a sua hegemonia sul-americana (REZENDE, 2005; SCHENONI, 2018), sobretudo frente à atual circunstância venezuelana, observam-se, por outro lado, relações de solidariedade, otimismo e até uma idolatria amadora (no sentido de uma admiração excessiva prestada a influenciadores digitais).

Nos vídeos publicados por Vicky originalmente no Youtube, nas fotografias pessoais expostas no Facebook ou no

Instagram, em uma fase mais autoexpositiva, estão lá os votos de sucesso e admiração compartilhados no ambiente digital, que são também o resultado mais evidente da sensação de proximidade potencializada pela transmissão seriada da vida alheia. Um espelhamento baseado na escala indivíduo-indivíduo e nos mútuos desafios do cotidiano inseridos, por sua vez, em uma racionalidade neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2016), cujo valor recai sobre o indivíduo e as tomadas de decisões pessoais dão o tom para as relações interpessoais que identificam a vida da migrante com os demais seguidores.

Dos muitos elogios por ela recebidos, a maior parte se encontra na categoria composta por expressões como “batalhadora”, “lutadora”, “humilde” e que acabam por identificá-la, pelos brasileiros que comentam, como digna de sonhar e também fazer sua vida no Brasil. É, novamente, a similitude que permite à estrangeira ser familiarizada aos autóctones na cultura moderna, pois a identificação daquilo que lhes é íntimo ou próximo passa a ser de uma ordem não necessariamente sanguínea ou comunitária (SIMMEL, 1950; GIDDENS, 1991)<sup>3</sup> e possível de ser desenvolvida à distância, mediante o uso de tecnologias apropriadas.

Esse é o lado mais familiar e aconchegante da ambiência online e cria, a partir de espaços de interação, percepções de hospitalidade. Se por um lado a excentricidade, o menosprezo e a folclorização dos hábitos

alheios compõem um regime de distanciamento, por outro, Viveiros de Castro (2000) fala de uma cultura da espécie, comum a todos os seres vivos, que Derrida (2003; 2008) atribui à hospitalidade o fator comum fundamental para a hominização da espécie.

Ao aproximar a hospitalidade de uma perspectiva mais coletiva e associada ao Estado-nação, considerando inclusive como delito de hospitalidade a negação de asilo a alguém, Derrida (2003) entende que a premissa da lei e do direito já resulta na perda da hospitalidade incondicional. Ele afirma, por essa via, que hospitalidade e delito são expressões indissociáveis, pois a hospitalidade primeira – e que deriva a própria ética – acolhe sem saber, sem perguntar ou presumir de onde e como vem o outro. Para Derrida, que busca em Lévinas um conceito de ética baseado na hospitalidade, a ética da hospitalidade é a própria ética em si mesma, o que sinaliza distanciamento da perspectiva do direito à hospitalidade ou de uma política da hospitalidade encontrada em *Paz Perpétua*, de Kant.

Mas é difícil considerar no plano da práxis política, como concebe Di Cesare (2020), existir uma hospitalidade absoluta, um respeito radical à alteridade que signifique a abertura completa ao outro e permita uma espécie de dissolução do próprio indivíduo, ainda mais nos espaços alternativos de acolhimento possibilitados pela internet, onde é mais conveniente aceitar que haja uma hospitalidade condicionada àquilo que se procura ratificar das próprias certezas.

O campo digital apresenta certa dissociação da percepção do hóspede como estranho, mas de nenhuma maneira a anula. Schütz (2010) e Simmel (1950) explicam

---

<sup>3</sup> É o que Giddens (1991) chama de “transformações da intimidade” a partir da teoria urbana desenvolvida por Simmel (1950).



o estrangeiro como o estranho e toda a carga da palavra hóspede tratada pela literatura sobre hospitalidade deságua no universo do inesperado, da surpresa e da diversidade trazida por ele. Mas no campo digital, especialmente o manifestado pela alta exposição e a publicização da vida privada, o elemento da surpresa se dissolve na navegação compulsória do *flaneur* digital (PONTUAL; LEITE, 2006) pelos vídeos, fotografias e links disponibilizados pelo migrante. O que atrai para si é justamente o rompimento do fator da estranheza e da surpresa, ou seja, uma tentativa de substituir a diferença pela semelhança, de diminuir ou suprimir a fronteira nacional que separa o pressuposto da cultura da espécie do fator comum dos homens, que é a vida cotidiana em si como narrativa fundamental dessa ambiência.

A sociedade receptora mescla solidariedade e otimismo, ao mesmo tempo em que conglera perspectivas hegemônicas culturais sustentadas pela relação contraditória e que aloca um lugar para o migrante na sociedade anfitriã. Extinguindo-se a hospitalidade como ética já não se exerce o

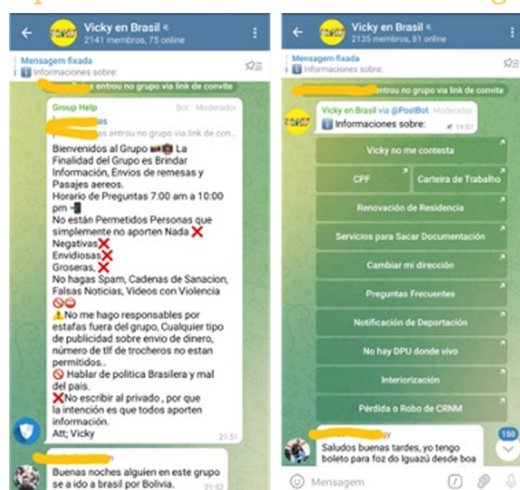
acolhimento absoluto nessa radicalidade filosófica da abertura pura à alteridade. Na hospitalidade condicionada, ou seja, regida pelo direito perante a ética, o migrante apresenta seu capital social e cultural como passaporte simbólico de entrada no país de imigração.

Mesmo manifestando-se publicamente na internet, Vicky assume inicialmente o papel de hóspede, da figura reservada, educada e até passiva no que diz respeito às regras e limites que lhes são impostos, como argumenta Sayad (1998) ao dizer sobre a condicionalidade do migrante como alguém provisório permanentemente. Essa perspectiva que a abstém dos temas nacionais do país de destino também enquadra sua cidadania e poder de participação mesmo entre os compatriotas, cuja limitação é exercida e repassada como código moral.

Na figura abaixo, vemos que uma das normas do grupo do Telegram estipulada por Vicky é não falar mal do país e nem da política brasileira, mesmo que o grupo, embora aberto, seja frequentado majoritariamente por venezuelanos.

[Figura 1]

Mensagem padrão a novos membros e mensagem via bot.



Fonte: Reprodução Telegram/Vicky en Brasil (8 set. 2021)

A norma evidencia o que chamamos de uma polidez do “hóspede” baseada nas contribuições de Elias (1994) e Sayad (1998). Como dizem ElHajji e Escudero (2020, p.167), com base nas interpretações de Sayad sobre a polidez:

No início, o que se exige do migrante, enquanto não nacional, é apenas certa reserva – aparentemente mais da ordem da polidez de que da política – diante dos assuntos internos (políticos, sociais, econômicos e outros) da sociedade e nação que o acolheram. Do mesmo modo que a boa educação recomenda que o hóspede tenha uma atitude reservada perante as discussões da família anfitriã, o indivíduo ou grupo acolhido não deve incomodar os nativos, não questionar suas regras sociais e seus princípios filosóficos. (ELHAJJI; ESCUDERO, 2020, p. 167).

No caso de Vicky, são as críticas a serviços e orientações do Estado brasileiro, além do debate político do país de imigração – mesmo o fenômeno migratório ganhando a pauta pública – que não aparecem nas narrativas, exceto quando se evidencia a Venezuela, território narrativo pelo qual ela se sente integrada e pertencente. Como na análise do discurso o objeto mais valioso está no enunciado não dito. Sublinhando Pêcheux (1988, p. 291): “tirar as consequências do fato de que o não dito precede e domina o dizer”, o silenciamento travestido da polidez do “hóspede” é pontuado nesse estudo quando se debatem práticas de cidadania e progressões discursivas midiaticizadas.

Existe uma relação contraditória que abarca o domínio cultural e a felicitação pela trajetória migrante, de uma abertura

às teorias do sistema-mundo das migrações que exploram as relações de poder transnacionais e da sublimação ou concretização literal das fronteiras que culminam na negociação de alteridade baseada em um *outro* relativo. Sobre essa relação de hegemonia cultural e a inferiorização venezuelana baseada, também, na crise e no refúgio, Vicky convive junto aos elogios com críticas a respeito da sua condição: “Uai, você não estava passando fome em sua terra e esse celular de madame [?]”<sup>4</sup> é um dos comentários que aparecem no vídeo do Youtube em que Vicky explica um golpe sofrido por ela<sup>5</sup>. O argumento citado, e que aparece em vídeos de viagens e passeios, explora o lugar de subalternidade designado ao migrante, da humildade não como valor, mas condição do destino migratório. Nessa visão, tal condição denotaria a não posse ou a posse compartilhada

4 Para visualização desses comentários, Cf.: [https://www.youtube.com/watch?v=1Y\\_9etGLfEQ&ab\\_channel=VickyenBrasil](https://www.youtube.com/watch?v=1Y_9etGLfEQ&ab_channel=VickyenBrasil)

5 Em um dos vídeos, a venezuelana conta que comprou um celular de compatriotas no mercado informal de rua, mas ele era falsificado e, por meio desse acontecimento, transmite a vergonha e decepção com as pessoas do seu país. Adiante, e já com um aparelho novo, publica um vídeo sobre celulares sugerindo que venezuelanos utilizem o site de compras OLX para adquirirem os “quebra-galhos” (ela utiliza essa expressão em termos de vida financeira, tendo em vista a baixa remuneração atrelada à necessidade de possuir smartphones para manutenção de laços afetivos e busca de informações e serviços no país). Para além do conteúdo e suas formas de enunciação, alguns brasileiros alertam para os perigos de falsificação. Essa relação de tornar a dizer, especialmente nas interações com o público, é recorrente e com o tempo ela passa a enviar os links de vídeos anteriores para resumir a conversa. Em certo momento, parte desses seguidores passa a entendê-la, a saber dos desafios enfrentados – sempre a partir da curadoria de si (SIBILIA, 2008) produzida por ela mesma – e a ajuda na atualização dos *flâneurs*, menos informados sobre o caminho percorrido e tornado público por Vicky.

manifestada pela divisão de alojamento e, posteriormente, do aluguel entre venezuelanos, e o uso compartilhado dos celulares (SMETS, 2018; ALENCAR, 2019).

Em um vídeo, cuja palavra “*xenofobia*” aparece no título e que se trata de um desabafo a respeito de venezuelanos que criticam a migração “*sem condições*”<sup>6</sup> – financeiras, no caso –, Vicky contra-argumenta seus conterrâneos dizendo que as pessoas migram justamente por não terem condições de se manter no país. Embora seu passado na Venezuela seja pouco falado por se tratar de um *vlog*, chama a atenção um comentário que ela mesma curte: “*Na verdade os venezuelanos são brasileiros. Olha a cara deles, parece com nós vamos ajudar*” (ver nota 6). Aí aparece a contradição explorada pela publicação do vídeo. No caso, são os brasileiros que demonstram empatia, mas sob a condição da anulação da identidade alheia. Ser “como nós” – etnicamente, mas não só isso, também pelos hábitos do cotidiano pessoal como produto principal de consumo – parece ser o ordenamento para a solidariedade cultural da espécie; ao mesmo tempo, Vicky distancia-se de sua pátria e, conseqüentemente, da solidariedade de alguns venezuelanos que passam a vê-la também como estrangeira: “*Te pones a subir videos sin manejar algunos conceptos. Tus videos lo que hacen es incitar a la gente a ir para allá a pasar trabajo. Al final estás casi igual que en Venezuela... Y pendiente que no arranque un ataque de xenofobia*”<sup>7</sup> (“Você começa a publicar

vídeos sem dominar algumas questões. O que seus vídeos fazem é encorajar as pessoas a irem lá para trabalhar. No final, é quase a mesma coisa que na Venezuela... até que daí surja um ataque xenofóbico”).

### “Vocês que conhecem sua política”

Essa frase foi dita por Vicky na entrevista ao site/blog O Estrangeiro, quando perguntamos a ela sobre quais assuntos ela evitava tratar em suas plataformas digitais. A imersão da política como ponto crítica à entrada de estrangeiros chama atenção para o que entendi serem esses *vlogs*, isto é, câmaras de eco para discursos de direita no país, sobretudo nas críticas ao governo da Venezuela referendadas por esses migrantes.

Nesse sentido, a polidez do “hóspede” também se aproxima do conceito de viés de confirmação do campo das opiniões construídas no ambiente da internet. Isso porque, por mais que o não dito sobre a política funcione até mesmo como norma, os desdobramentos e a imprevisibilidade (PAVEAU, 2021) fomentada pelas conexões digitais levam o produtor de conteúdo a lugares discursivos e audiências não imaginadas. Vicky deixou isso evidente, quando as cobranças por falar em português se tornaram um tópico não pensado por ela, fora do campo da sua vontade e da meta do seu empreendimento nas plataformas.

A transversalidade do discurso político afirmado anteriormente está inserida no campo discursivo, mesmo pelo não dito. Ainda que entendido pela redução

6 Cf.: [https://www.youtube.com/watch?v=8A\\_I4N4NqGI&ab\\_channel=VickyenBrasil](https://www.youtube.com/watch?v=8A_I4N4NqGI&ab_channel=VickyenBrasil).

7 Cf.: [https://www.youtube.com/watch?v=QtIoL6SeX\\_g&ab\\_channel=VickyenBrasil](https://www.youtube.com/watch?v=QtIoL6SeX_g&ab_channel=VickyenBrasil).

da perspectiva partidária, no sentido de ser contra ou a favor de denominada personalidade ou ideia política, o silenciamento sobre questões atinentes à política brasileira indica o ponto mais evidente do comportamento de hóspede, que envolve a presença dos migrantes transnacionais e a atuação deles em plataformas digitais de abrangência pública (embora propriedades privadas) regidas pela administração das atenções influenciadas por vieses de confirmação.

Para Gelfert (2018, p. 111), dentro do contexto das *fake news* eleitorais, o viés de confirmação é da ordem cognitiva e diz respeito à tendência quase universal de favorecer novas evidências que confirmem nossas crenças ou teorias. De forma próxima, Nickerson (1998) explica o termo como a busca por interpretação de evidências de forma a seguir os caminhos das crenças já existentes e das expectativas e hipóteses que se têm em mãos. Ademais, estudos debatidos por Jost, Van der Liden, Panagopoulos e Hardin (2018) sobre assimetrias ideológicas e a redução da incerteza identificam que o pensamento mais conservador e de direita tende a diferenciar-se do pensamento mais liberal e de esquerda, especialmente no que se refere ao apego a tradições, mas também em valores como os de lealdade e de conformidade que divergem dos princípios de alteridade e, conseqüentemente, da abertura ao trânsito de culturas e pessoas.

A implicação do viés de confirmação sobre o não dito da política, nos discursos de Vicky e outros venezuelanos migrantes influenciadores, atua sobre um ponto considerado fundamental que vale a pena nos desdobrarmos por um momento: a descredibilização da mídia tradicional (SODRÉ, 2009)

foi enfatizada pela baixa adesão discursiva do estrato mais conservador e sectário do social e tirou proveito da multiplicação de vozes na ambiência digital fazendo desse campo um lugar de falas dissonantes e de testemunhos sub-representados na cultura jornalística. No caso dos migrantes venezuelanos, embora os discursos não sejam essencialmente dissonantes, os testemunhos baseados nas experiências populares resultantes do êxodo derivado do governo Maduro atraem de forma proeminente audiências mais à(s) direita(s) do espectro político e, por vezes, utilizados como referenciais ao “perigo venezuelano”, projeção de país que ocupou parte do imaginário brasileiro nas eleições vencidas por Jair Bolsonaro em 2018 (CESARINO, 2020).

Essa atração tem reforço na crítica que parte dos venezuelanos migrantes possui sobre seu governante, embora a materialização desse discurso (anti-Maduro) em políticos brasileiros não acione um apoio automático na população migrante. A atuação do comportamento do hóspede, destacado anteriormente, junta-se à premissa de uma identificação laboral-identitária que se sobrepõe à discussões políticas para oferecer enfoque às caracterizações discursivas de esforço, trabalho, dedicação, humildade, respeito ao país, etc. Isso explica, pelo lado das audiências, o laço instrumental dessa aproximação baseada no desejo de dividir a realidade com outras pessoas que compartilham ideias semelhantes.

Além do desejo de compartilhar a realidade com aqueles que desenvolvem ideias semelhantes, perspectivas mais conservadoras e à direita explicadas por Jost, Van der Liden, Panagopoulos e

Hardin (2018) incluem percepções exageradas de consenso dentro do grupo, o que leva, nessa ambiência, a entenderem as plataformas como estruturas de “câmaras de eco” ideológicas. Nesse sentido, especialmente nas análises de vídeos de 2018 do canal de Vicky, as caixas de comentários foram utilizadas como laboratórios de discursos anticomunismo (no mais exagerado dos termos ideológicos) e coube a ela, por exemplo, administrá-los como polos de atração testemunhais. Tal diagnóstico dialoga com a teoria discursiva defendida por Paveau (2016; 2021), que indica a imprevisibilidade discursiva causada pelos usos tecnológicos.

Por exemplo, a produção de Vicky no Youtube com mais visualizações e interações, no primeiro ano do canal, é caracterizada pela tipologia *poder de compra*<sup>8</sup>. Nela, aconteceram muitos ataques ao governo Maduro, ao Partido dos Trabalhadores (PT) e ao comunismo. Cito aqui duas falas, que unem brasileiros e venezuelanos: 1. “*Como brasileiro e sendo um imigrante me corta o coração em ver em que situação estas pessoas estão vindo para*

*o Brasil. Tenho nojo e repulsa do Comunismo/ Socialismo e pelo o que fez para o mundo*”; 2. “*Dios mio cuanta tristeza da ver que todos esos países tengan tanta comida y nosotros aquí matándonos prácticamente por un kg de harina!! un país donde teníamos todo eso y hasta mas hasta que llego LA MALDICIÓN ROJA!!*”<sup>9</sup> (“Meu Deus, como é triste ver que todos esses países têm tanta comida e estamos praticamente nos matando aqui por um quilo de farinha! um país onde tínhamos tudo isso e ainda mais até chegar a MALDIÇÃO VERMELHA!!”).

O vídeo que registra as compras de rotina da venezuelana tem uma segunda parte publicada em seguida, cuja entonação prossegue. Embora Vicky explique a baixa margem de consumo para quem recebe um salário mínimo no Brasil (primeiro, ela passa no caixa do supermercado os itens essenciais, para depois ver se seria possível levar tudo que estava no carrinho), o comparativo com o que parece haver na Venezuela identifica a distância de poder de compra entre os dois países.

É no mesmo mês (agosto de 2017) que o nome de Bolsonaro é mencionado pela primeira vez nos comentários, sugerindo que com o futuro presidente “*isso aí vai acabar*” (relativo às migrações em massa). Importante observar que nesses casos – em que os brasileiros sentem não haver espaço para o acolhimento de venezuelanos e, conseqüentemente, o xenorracismo emerge – a discursividade do enunciador digital (PAVEAU, 2021) não é testemunhal. O compartilhamento

<sup>8</sup> Durante a pesquisa de doutorado, a análise do ecossistema de Vicky gerou quatro tipologias analíticas que serviram de base para um comparativo mais amplo da presença desses influenciadores diaspóricos na internet. Eram elas: a) etnografia reversa; b) poder de compra; c) *reaction*; e d) universo do trabalho. A tipologia citada diz respeito às produções realizadas por Vicky – e diversos outros migrantes, especialmente venezuelanos – sobre idas às compras cotidianas para mostrar quais produtos são vendidos no Brasil e o poder de compra que um trabalhador migrante (baseando-se em um salário mínimo) tem para sobreviver. Observou-se que tais produções auxiliam na decisão de migrar, como parte dessas redes migratórias (TRUZZI, 2008) integradas à figura do influenciador diaspórico, e no debate político sobre a Venezuela (anti-Maduro) unido às comparações com o Brasil.

<sup>9</sup> Cf.: [https://www.youtube.com/watch?v=vcLcri5rRt8&ab\\_channel=VickyenBrasil](https://www.youtube.com/watch?v=vcLcri5rRt8&ab_channel=VickyenBrasil).



de imagens televisivas por Vicky evoca imagens hídras (DIAS, 2019) e dissocia a migração da sua característica mais privada/individualizada, que justamente caracteriza os ecossistemas criados por esses influenciadores. A impessoalidade permite o distanciamento como classe trabalhadora/batalhadora, mas também pode aproximar, neste caso, pela solidarização contra o regime denunciado e criticado, reforçando percepções sobre a realidade e permitindo compartilhá-las.

Esse compartilhamento também existe entre migrantes de diferentes países, como é o caso da entrevista que Vicky realiza com Jean David, cubano e administrador do canal *Forastero en Brasil*. O padrão da produção, com duas câmeras e uma condução bem feita por ela, divide as interações da audiência entre elogiá-la como jornalista e criticar o socialismo/comunismo a partir do testemunho cubano. Por sua vez, os conteúdos publicados pelo *Forastero en Brasil* não correspondem à expectativa política que possa haver frente à presença de uma mídia alternativa cubana. Jean David se insere quase que integralmente nos conteúdos de serviços aos migrantes transnacionais (limitados a Cuba), seja por dicas de documentação, contas em bancos brasileiros, dicas sobre operadoras de celular, aluguel e compra de carros e imóveis, etc. Para além dos componentes dos serviços, que não estão inseridos neste tópico, o cubano foi o migrante (dentro do paradigma do *self* individual midiático) mais engajado no projeto de lei da regularização migratória. No entanto, sua defesa não apresentava um debate frontal à política brasileira, mas buscava, por meio do alcance midiático, mobilizar os demais membros das comunidades transnacionais que vivem no país.

## Obstruções e transformações ao referido ethos

---

O comportamento do hóspede é aquele pelo qual se baseia Elias (1994) para nortear o que é entendido como adequado ou "civilizado" por meio de uma norma social. A metáfora do hóspede parece se incorporar ao espaço intrafronteiriço como propriedade particular (e a fronteira como porta de ingresso), conforme se refere Di Cesare (2020) ao criticar o tratamento do Estado-nação (de interesse público) tal qual um espaço privado e o migrante como um visitante provisório (SAYAD, 1998). Ao mesmo tempo, esse comportamento traz consigo um dever de hospitalidade a todo estrangeiro, que desde Kant não é negado e, passando por Lévinas e Derrida, encontrou nos deslocamentos humanos seu melhor e mais complexo fenômeno.

A preservação de opiniões a respeito do Brasil, especialmente no que tange ao tema da política, é uma estratégia que parte desses influenciadores diaspóricos assume a fim de limitar-se ao que lhe compete (em uma perspectiva restritiva sobre o estrangeiro como hóspede), ainda que a participação política seja um direito que os estrangeiros passaram a ter no país de forma amparada pela lei brasileira. No entanto, o regime de visibilidade sugere performatividades que devem ser escolhidas e a maioria desses migrantes prefere oferecer outros elementos que ampliem seu leque de influência sobre as comunidades transnacionais as quais estão integrados.

É o caso de alguns migrantes acompanhados na pesquisa que fazem da política seu instrumento de atenção, como a



cubana Zoe Martinez e o venezuelano Esteban Dominguez (*El Veneco*), sempre partindo por seus canais do Youtube orientados – mas não limitados – ao gênero vlog. Isso porque Zoe tem construído sua imagem mais como uma influenciadora política do que diaspórica e seus vídeos, embora dialoguem com a realidade cubana, carregam o significado político da sua nacionalidade e seu alto engajamento, mediante o contato com celebridades políticas, a levou à televisão. O segundo é músico e mais conhecido como *El Veneco*, um apelido que Vicky já ressaltou ser depreciativo quando se referiram a ela (*veneca*). Sua postura, que mescla masculinidade e entretenimento cultural, tal como Zoe, é determinada pela participação na política brasileira, cujo alibi é justamente o testemunho pessoal que sua origem permite. Portanto, o *ethos* oposto à polidez do “hóspede” é também manifestado em ocasiões pelas quais a política atua como nicho de audiência e sustento de vida.

A expressão “não hóspede”, que atribuo a esses perfis, não significa a negação de um migrante pela sociedade receptora e sim a recusa em ser tratado como mero visitante em relação à temas vivos na pauta nacional. Por mais abrangentes que sejam os processos de resistência a uma hospitalidade condicionada, a inclinação a uma vertente política é uma aposta discursiva que esses indivíduos em busca de visibilidade oferecem ao não dito político e, portanto, precisam ser considerados sem que ninguém os mande “voltar para onde vieram”. Ainda assim é importante o reconhecimento, em meio às práticas sociais de pesquisa, da influência que grupos, coletivos e movimentos sociais oferecem para os migrantes em termos reivindicativos diante da violação de direitos,

da indocumentação e da solidificação das práticas interculturais, transnacionais e intersubjetivas que referenciam e dão lugar ao migrante como minoria.

A própria visibilidade de um *self* individualizado pode ser transformada com o tempo de plataforma, que também é o tempo da imigração. Conforme vai se integrando ao país, entendendo as leis e dimensionando sua cidadania transnacional pela conquista de espaços e bens materiais, o migrante, como é o caso de Vicky, vai passando por transformações desse referido *ethos* migrante. Algo nesse sentido pode ser visto nas eleições municipais de 2020, quando Vicky criticou duramente candidaturas que desfaziam dos venezuelanos em Roraima.

### [Figura 2]

#### Post lamenta campanha xenofóbica de candidato político



Fonte: Reprodução Facebook/  
vickyenbrasil (13 out. 2020)

Outra produção de apenas 9 segundos publicada no Instagram e no TikTok, em 24 de março de 2022, apresenta a venezuelana fazendo gestos de negação, acompanhada da frase: *“Imigrantes no pueden opinar sobre nada al país donde emigro”* (“Imigrantes não podem opinar sobre nada a respeito do país onde emigrou [sic]”). Logo em seguida, sua feição e gestos mudam e ela apresenta uma resposta, também em texto destacado no vídeo: *“Claro que si / tenemos los mismos derechos y deberes!”*<sup>10</sup> (“Claro que sim / temos os mesmos direitos e deveres!”). Na legenda, ela enfatiza o argumento pela lógica da liberdade de expressão e da cidadania. Independente dos comentários, que são divididos em apoio ou crítica, vemos o direito à fala sendo exercido por alguém que nesses anos vêm informando sobre a vida no Brasil e dela passou a extrair opiniões sólidas que podem influenciar as comunidades as quais toma como pertencente. Um hífen identitário que a mantém atenta à política venezuelana pelos motivos que originaram seu refúgio no Brasil, e a vida subsequente, com o pacote completo de desafios que o Brasil lhe oferece como vivente (em 2021 e 2022, especialmente a alta constante de preços de alimentos e combustível foi tema de diversos vídeos curtos de Vicky) e o questionamento da permanente provisoriedade (do hóspede) determinada ao estrangeiro. ■

---

10 Cf.: [https://www.tiktok.com/@vickyenbrasil/video/7078807000787717382?is\\_copy\\_url=1&is\\_from\\_webapp=v1](https://www.tiktok.com/@vickyenbrasil/video/7078807000787717382?is_copy_url=1&is_from_webapp=v1). 10

[ OTÁVIO CEZARINI ÁVILA ]

Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro do Diaspotics – Migrações Transnacionais e Comunicação Intercultural. E-mail: ota\_cez@hotmail.com

## Referências

---

ALENCAR, Amanda. Refugee Integration and Social Media: A Local and Experiential Perspective. **Information, Communication & Society**, London, v.21, n.11, p.1588-1603, 2018.

ALENCAR, Amanda. Digital Place-Making Practices and Daily Struggles of Venezuelan Forced Migrants in Brazil. In: LEURS, Koen; SMETS, Kevin; WITTEBORN, Saskia; GEORGIU, Myria (org.). **The Sage Handbook of Migration and Media**. London: Sage, 2019, p. 503-514.

BARBOSA, Marialva. Comunicação: uma história do tempo passando. **Transversos**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 98-118, dez. 2017.

CALIMAN, Luciana. Os regimes da atenção na subjetividade contemporânea. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 1, p. 2-17, 2012.

CARRERA, Fernanda. Instagram no Facebook: uma reflexão sobre *ethos*, consumo e construção de subjetividades em sites de redes sociais. **Animus**, Santa Maria, v. 11, n. 22, p. 148-165, 2012.

CESARINO, Letícia. When Brazil's Voters Became Followers. **Anthropology News**, Arlington, 14 set. 2020. Disponível em: <https://www.anthropology-news.org/articles/when-brazils-voters-became-followers-2/>. Acesso em: 13 dez; 2022.

CHOULIARAKI, Lilie. Symbolic Bordering: The Self-Representation of Migrants and Refugees in Digital News. **Popular Communication**, London, v. 15, n. 2, p. 78-94, 2017.

CHOULIARAKI, Lilie; GEORGIU, Myria. The Digital Border: Mobility Beyond Territorial and Symbolic Divides. **European Journal of Communication**, London, v. 34, n. 6, p. 594-605, 2019.

COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **The Mediated Construction of Reality**. Cambridge: Polity, 2017.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVENPORT, Thomas; BECK, John. **The Attention Economy**: Understanding the New Currency of Business. Boston: Harvard Business School Press, 2001.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

- DERRIDA, Jacques. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade**. Entrevistadora: Anne Dufourmantelle. São Paulo: Escuta, 2003.
- DI CESARE, Donatella. **Estrangeiros residentes**: uma filosofia da migração. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.
- DIAS, Gustavo. Mobilidade migratória: uma leitura crítica para além de metáforas hidráulicas. **REMHU**, Brasília, DF, v. 27, n. 57, p. 61-78, dez. 2019.
- ELHAJJI, Mohammed; ESCUDERO, Camila. Webdiáspora: migrações, TICs e memória coletiva. **Observatório**, Palmas, v. 2, n. 5, p. 334-363, 2016.
- ELHAJJI, Mohammed; ESCUDERO, Camila. Sentidos e expressões da noção de ghorba na obra de Abdelmalek Sayad. In: DIAS, Gustavo; BÓGUS, Lucia; PEREIRA, José Carlos Alves; BAPTISTA, Dulce (org.). **A contemporaneidade do pensamento de Abdelmalek Sayad**. São Paulo: Educ, 2020, p. 157-177.
- ELHAJJI, Mohammed; ESCUDERO, Camila. Migrantes, uma minoria transnacional em busca de cidadania universal. **Interin**, Curitiba, v. 22, n. 1, p. 203-220, 2017.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. v. 1.
- FASSIN, Didier; RECHTMAN, Richard. **The Empire of Trauma**: An Inquiry Into the Condition of Victimhood. Princeton: Princeton University Press, 2009.
- GELFERT, Axel. Fake News: A Definition. **Informal Logic**, Windsor, v. 38, n. 1, p. 84-117, 2018.
- GIDDENS, Antony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- GIDDENS, Antony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GOLDHABER, Michael. The Attention Economy and the Net'. **First Monday**, Bridgman, v. 2, n. 4, 1997. Disponível em: <http://firstmonday.org/ojs/index.php/fm/article/view/519/440>. Acesso em: 13 dez. 2022.
- GROHMANN, Rafael. Plataformização do trabalho: entre a dataficação, a financeirização e a racionalidade neoliberal. **Eptic**, São Cristovão, v. 22, n. 1, p.107-122, 2020.

JOST, John; VAN DER LIDEN, Sander; PANAGOPOULOS, Costas; HARDIN, Curtis. Ideological Asymmetries In Conformity, Desire for Shared Reality, and the Spread of Misinformation. **Current Opinion in Psychology**, London, v. 23, p. 77-83, 2018.

NICKERSON, Raymond. Confirmation Bias: A Ubiquitous Phenomenon in Many Guises. **Review of General Psychology**, London, v. 2, n. 2, p. 175-220, 1998.

NIKUNEN, Kaarina. Once a Refugee: Selfie Activism, Visualized Citizenship and the Space of Appearance. **Popular Communication**, London, v. 17, n. 2, p. 154-170, 2018.

PALÁCIOS, Annamaria. **As marcas na pele, as marcas no texto: sentidos de tempo, juventude e saúde na publicidade de cosméticos, em revistas femininas durante a década de 90**. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

PAVEAU, Marie-Anne. L'Écriture numérique. Standardisation, delinéarisation, augmentation. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 48, p. 13-36, 2016.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes, 2021.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 1988.

PONTUAL, Virgínia; LEITE, Julieta. Da cidade real à cidade virtual: a flânerie como uma experiência espacial na metrópole do século XIX e no ciberespaço do século XXI. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 13, n. 30, p. 99-115, 2006.

REZENDE, Lucas. **Brasil Hegêmona? A balança de poder na América do Sul**. 2005. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHENONI, Luis. Argentina e Brasil: lições de uma transição hegemônica sul-americana. **Brazilian Journal of Internation Relations**, Marília, v. 7, n. 3, p. 516-550, 2018.

SCHÜTZ, Alfred. O estrangeiro: um ensaio em psicologia social. **Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 10, n. 113, p. 117-129, 2010.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, Paula. Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível. **Fronteiras**, São Leopoldo, v. 17, n. 3, p. 353-364, 2015.

SICILIANO, Michael. Creators são trabalhadores. **Digilabour**, Artigos. [S. l.], 1 ago. 2021. Disponível em: <https://digilabour.com.br/2021/08/01/creators-sao-trabalhadores/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

SIMMEL, Georg. **The sociology of Georg Simmel**. New York: The Free Press, 1950.

SIMMEL, Georg. Digression Sur l'étranger. In: GRAFMEYER, Yves; JOSEPH, Isaac. **L'École de Chicago. Naissance de l'écologie urbaine**. Paris : Seuil, 1979.

SIVANANDAN, Ambalavaner. **Catching History on the Wing**: Race, Culture and Globalisation. New York: Pluto, 2008.

SMETS, Kevin. The Way Syrian Refugees in Turkey Use Media: Understanding 'Connected Refugees' Through a Non-Media-Centric and Local Approach. **Communications**, Ontario, v. 43, n. 1, p. 113-123, 2018.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

STRANGELOVE, Michael. **Watching Youtube**: Extraordinary Videos by Ordinary People. Toronto: University of Toronto Press, 2010.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. In: ALLIEZ, Éric (org.). **Gilles Deleuze**: uma vida filosófica. São Paulo: 34, 2000.